

OS TRABALHOS E OS DIAS NA ANTIGUIDADE

Homero, Hesíodo e Virgílio: olhares diversos sobre o Homem e a Natureza.

José Alves Fernandes

A proposta do nosso discurso é enfatizar a realidade do trabalho como um dos fundamentos da própria condição humana. Nem os deuses nem os animais trabalham, só o homem.

Nem por isso deve o trabalho ser considerado um castigo dos deuses, nem o comerás o pão com o suor do teu rosto, uma condenação punitiva ao crime da desobediência primordial. A vida do ouro, nesse contexto, é uma dessas contradições dialéticas entre o bem e o mal, entre a luz e a sombra, entre o real e o imaginário. Desde que o homem apareceu na face da terra foi-lhe necessário mover-se e agitar-se em busca da sua substância, enfrentando a alternância dos invernos, das chuvas e das colheitas. Sua vida é sempre mais árdua ou mais amena na dependência dos ciclos gráficos e da variedade dos climas.

O resto é poesia e filigrana mítica de que sempre se valeu a fantasia humana para a leitura sem fim da nossa perpétua existência.

Para a visão ponderada do poeta de Asca, longe de ser uma maldição, o trabalho árduo dos campos é um antídoto da vida fadiga e ociosa e a indispensável fonte de energia para o desempenho da luta em busca do sucesso e do bem-estar.

Se, para Homero, os valores do heroísmo e da arte guerreira constituíam a referência maior como ideal da paidéia grega, privilegiando o estamento aristocrático da Hélade, em Hesíodo desloca-se o eixo da sua atenção para o segmento social do mundo camponês – palco da existência laboriosa do mundo do trabalho produtivo diretamente associado à sobrevivência da espécie.

Investindo na poesia o substrato espiritual da sua própria vivência de camponês da Beócia, contempla com "intelecto d'amore", de

2ª PARTE

ESTUDOS

Entrevista Concedida por *Linhares Filho* a *Alamir Aquino Corrêa*

ALAMIR AQUINO CORRÊA – Poeta Linhares Filho, sua trajetória poética já ultrapassa a marca de 43 anos, talvez sendo apropriado vincular o seu início ao grupo SIN. É possível falar em uma síntese?

LINHARES FILHO – De fato, a publicação do meu primeiro livro, *Sumos do Tempo*, ocorreu no mesmo ano em que se editou a *Sinantologia*, de 1968, data assinaladora da fundação do grupo SIN. Entendo que minha poesia é sobretudo lírica, cabendo-lhe também um interesse social paralelo, de menor monta. Desde *Sumos do Tempo* (1968), dividido em poemas do Agora e poemas do Sempre, que oriento minha poética nestas duas direções: a de uma cotidianidade participante, atenta para a questão social do Brasil e para os acontecimentos da existencialidade humana no mundo, por um lado, e, por outro lado, a direção de uma temática lírica, metafísica, memorialista, telúrica, religiosa, amorosa, existencial-ontológica. Se, em parte, minha poesia assume-se elegíaca, por outra parte apresenta-se com um timbre cívico como em "Oração à Pátria", "Hino à Bandeira", "Celebração de um Pioneiro", "Exortação aos Moços", ou com inclinações épicas como "Supremo Canto da Humanidade" e "Romanceiro de um Morto Vivo". O metapoema relativo à minha própria poesia, à poesia em geral e à literatura de outros autores tem uma intensa frequência em minha obra, bem como a intertextualidade consciente e inconsciente, características que mais se encontram na Literatura Brasileira, a partir da geração de 45. Esinto-me oscilante entre um Neorromantismo e um Neossimbolismo, e sempre atento ao "autêntico real absoluto", de Novalis. Também desejo apontar dois dos mais evidentes *Leitmotive* de minha poesia: o da metáfora da fruição do poético como um fruto e o da metáfora da viagem, principalmente a marítima, como peregrinação existencial. E, ainda, assinalar minha predileção pelo eterno e essencial em certo detrimento do efêmero.

AAC – Professor Linhares Filho, podemos falar de uma literatura cearense? Quais são suas marcas fundamentais?

LF – Assemelhando-se à concepção das chamadas “ilhas culturais”, pode-se entender que haja uma Literatura Cearense, caracterizada por alguns traços específicos dentro da Literatura Brasileira como, por exemplo, a marca telúrica, a focalizar o mar, o sertão, a intempérie da seca, sabendo-se que o Ceará é um dos mais sofridos estados do Nordeste nesse ponto, caracterizada também por alguns costumes típicos de nossa gente, registrados em livros como *Terra de Sol*, de Gustavo Barroso. Além disso, movimentos literários importantes, surgidos no Ceará, têm identificado a Literatura Cearense e/ou repercutido no Brasil a cearensidade literária desde os chamados Oiteiros. Registrem-se a Academia Francesa, o Clube Literário, a Padaria Espiritual, o Grupo Clã, o Gupo SIN e o Saco. Historiadores literários ocuparam-se da Literatura Cearense como Dolor Barreira (*História da Literatura Cearense*), Otacílio Colares (*Lembrados e Esquecidos*), Sânzio de Azevedo (*Literatura Cearense* entre vários outros ensaios). Instituições como a Academia Cearense de Letras, a mais antiga do País, o Instituto do Ceará, Histórico, Geográfico e Antropológico, a Casa de Juvenal Galeno mantêm a valorização de uma literatura específica do Ceará. Fundou-se no Curso de Letras da Universidade Federal do Ceará, graças aos esforços de Artur Eduardo Benevides, a disciplina Literatura Cearense, o que foi seguido pelo Curso de Letras da Universidade Estadual do Ceará. Se tudo isso não bastasse, pode-se aludir a intelectuais de grande ou relativa repercussão nacional como José Albano, Juvenal Galeno, Cruz Filho, Júlio Maciel, Pe. Antônio Tomás, Mário Linhares, Otacílio de Azevedo, Filgueiras Lima, Jáder de Carvalho, Gerardo Melo Mourão, Artur Eduardo Benevides, Francisco Carvalho, Otacílio Colares, José Alcides Pinto na poesia; José de Alencar, Domingos Olímpio, Antônio Sales, Oliveira Paiva, Franklin Távora, Rachel de Queiroz, Fran Martins, João Clímaco Bezerra, José Alcides Pinto no romance; Gustavo Barroso, Moreira Campos, Eduardo Campos, Nilto Maciel, Pedro Salgueiro no conto; Araripe Júnior, Rocha Lima, Braga Montenegro, R.

Magalhães Júnior, Otacílio Colares, Pedro Paulo Montenegro, Sâncio de Azevedo na crítica; Clóvis Beviláqua no direito; Farias Brito na filosofia; Capistrano de Abreu, Dolor Barreira, Raimundo Girão na história. Podemos, realmente, falar de uma Literatura Cearense.

AAC – Tanto você quanto Roberto Pontes atuaram no ensino de literatura portuguesa. Há poetas portugueses que mais o marcaram ou a brasilidade falou mais forte?

LF – Tenho lido poetas do mundo. Quanto à poesia dos poetas portugueses, devo ter maior intimidade com a de Camões, Bocage, Garrett, João de Deus, Antero de Quental, Antônio Nobre, Camilo Pessanha, Fernando Pessoa (assunto de dois livros meus), Mário de Sá – Carneiro, Florbela Espanca, Miguel Torga (assunto de minha tese de Doutorado), José Régio, José Gomes Ferreira e David Mourão – Ferreira. Mas, de fato, a poesia dos brasileiros há de ter marcado mais a minha, entre eles Castro Alves, Olavo Bilac, Cruz e Sousa, Augusto dos Anjos e os modernos Carlos Drummond de Andrade, Jorge de Lima, Murilo Mendes, Augusto Frederico Schmidt, Cassiano Ricardo, Manuel Bandeira, Dante Milano, Mauro Mota, Cecília Meireles, Tasso da Silveira, João Cabral de Melo Neto, Lêdo Ivo, Mário Quintana, Gilberto Mendonça Teles, Ivan Junqueira e, entre os cearenses, Artur Eduardo Benevides, Francisco Carvalho e Filgueiras Lima.

AAC – Alguns textos críticos apontaram o seu pendor para a metafísica. Até que ponto o poeta confunde-se com o homem interessado na formação cristã?

LF – A compreensão do metafísico ultrapassa o espírito cristão, isto é, valoriza o filosófico, o imaterial, o transcendente, incluindo, naturalmente, a espiritualidade cristã. Minha formação familiar cristalizou em mim a fé cristã, católica. Por isso exprimo esta em minha poesia, procurando não traí-la, enquanto não sacrifico os valores humanos e a legitimidade poética. Vários poemas escrevi com feitiço de oração. E sinto-me ora um contemplativo, ora atuando como missionário.

AAC – Pedro Lyra o incluiu na antologia dos poetas da geração de 60, falando de um sincretismo. Muitos desses poetas ainda conti-

nuam produzindo. É possível falar mesmo de uma geração no sentido de uma familiaridade ou de sintonia de propósitos?

LF – Acho que a geração de 60 concebida por Pedro Lyra com a marca de um sincretismo abriga integrantes unidos por sentirem no Brasil o “momento agônico do homem contemporâneo” segundo o conceito do poeta cearense Caetano Ximenes Aragão. Mas tal geração é muito mais marcada pela diversidade de expressões e atitudes – vista pelo próprio Lyra como característica, reflexo de um certo desencontro –, a unir paradoxalmente os integrantes dessa fase literária.

AAC – No seu conjunto de poemas, sobressai um tom lamentoso. Essa qualidade é sua ou de uma fase de sua criação ou mesmo da observação de sua geração?

LF – Ao lado de outras dicções, acredito que o tom lamentoso atravessa toda a minha trajetória poética. Trata-se, antes de tudo, de uma inclinação minha, pois que cheguei a escrever: “A dor é a minha matéria.” Daí o aspecto de gravidade elegíaca, própria de um Neorromantismo e de um Neossimbolismo a que já me referi, mas tudo concebido, a meu ver, com equilíbrio, inclusive essa dor se supera, não raro, pelo conforto que minha atitude religiosa me oferece e mesmo pelo gosto de viver.

AAC – Há quem aponte em você um pendor para a piedade social, mas lúcida, já em 1968. Na sua visão, cabe ao poeta essa tarefa?

LF – Gostei do adjetivo “lúcida”. Com certeza, desde 1968 até agora sinto que há em mim uma “piedade social” notada pela crítica, nunca uma revolta, por isso lúcida. E acho que cabe ao poeta, ao lado do lirismo, a responsabilidade da tarefa de defender o semelhante na sociedade e no universo. Aliás, Gilberto Mendonça Teles salienta em mim “o sentido cósmico, a visão particular e sofrida do mundo”.

AAC – O passado é absolutamente inadiável para o poeta. Quem esteve antes em sua poesia? De quem se lembra o poeta e de que maneira?

LF – O passado faz-se História, que é “mestra da vida”. A perda dos entes do passado é motivo de elegia. Lamentáveis e inesquecíveis

são estas perdas: meus pais, meu irmão mais velho, minha irmã de criação, minha ama, meus sogros, tios e tias. "Antes de minha poesia" ou como motivos elegíacos estão esses, também outros, alguns que foram motivos de celebração ou ode e que se podem constituir em causas de elegia: mestres como Moreira Campos, Leodegário A. de Azevedo Filho; intelectuais como Machado de Assis, Camões, Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade, Miguel Torga, Cassiano Ricardo, Jorge de Lima, Augusto Frederico Schmidt, Mário Quintana, Filgueiras Lima, Otacílio Colares, Braga Montenegro, Antônio Girão Barroso, Antônio Martins Filho, Ribeiro Ramos e César Coelho.

Seguem-se as maneiras como os lembro. Meus pais pela ternura e o exemplo de dignidade com que me formaram. Também meu pai, como farmacêutico, fez-me preocupado com a dor dos semelhantes; minha mãe, pintora, transmitiu-me o gosto pela arte. Meu irmão: por vê-lo partir uma saudade atroz. Minha irmã de criação: por não poder sequer chegar a ver o outono. Minha ama: por quantas léguas caminhou à busca do menino que tão depressa cresceu! Minha sogra e tias: por suas belas almas iluminarem a Noite Eterna. Meu sogro: pela mão que manjava o arco do violoncelo e casas construiu. Tio Joel: pelo coração tão vasto e pelo seu ilustre rasto de mestre, poeta e reitor. Tio Josaphat: pela afabilidade patriarcal e as lições acadêmicas de economista. Tio Duquinha: por dar-me, em minha infância, o níquel de boas-festas tilintado no bolso. Tia Nenen: pelo desvelo por mim em quantas vezes adoeci na infância. Tia Francisquinha: pelo pranto que derramava em bagas e pelas notas, ao piano, que eram bagas de pranto. Tio João: por ficar teimosamente à procura, talvez, de uma Vupabuçu. Moreira Campos: por ser mestre do conto, meu mestre de Literatura Portuguesa e benfeitor. Leodegário A. de Azevedo Filho: por ser operário das Letras e do idioma. Machado de Assis: por fazer-me descobrir na sua ficção uma latência sensual consciente. Camões: pela beleza ideal dos Cantos tersos na épica e na lírica. Fernando Pessoa: por projetar-se agora e no futuro. Carlos Drummond de Andrade: por minha afinidade em cartear-me com ele e por eu conceber que a luz

do seu cantar tão deleitosa virá do além, de uma fazenda do ar. Miguel Torga: por seu Sonho veraz, seu belo Sonho ser tanto mais mundial quanto mais luso. Cassiano Ricardo: por existir na hora perene, uma hora como se fosse um Dia depois do Outro. Jorge de Lima: por rondá-lo a loucura, sendo ele um grande lúcido de Deus. Augusto Frederico Schmidt: por seu Neorromantismo, sua espiritualidade e espírito ele jáco. Mário Quintana: pela magia da infância exsurgir tanto nele que o próprio espelho se fez do esteta, convicto de que só a poesia salva. Filgueiras Lima: pelos influxos das lições belas de vida e pela Poesia confundida consigo próprio. Otacílio Colares, apresentador de *Voz das Coisas*: por ocultar um nordestino jeito sob um grave cantar renascentista e trazer o jazz no sangue e o fado na alma. Braga Montenegro, prefaciador de *Sumos do Tempo*: por a Chama ao Vento das ideais histórias, que contou, a saudades ficar presa, a iluminar-lhe o nome e a dar-lhe glórias. Antônio Girão Barroso: por saber captar como ninguém a marca essencial dos seres e momentos. Antônio Martins Filho, que considero o maior cearense dos novos tempos, fundador de universidades: por ser da estirpe de insignes gigantes, novo Anteu, chama tendo no peito e o amor à Terra. João Ribeiro Ramos: por muita vez lhe admirar a senectude de patriarca, aureolada com o saber, feito da experiência que não ilude, por um sinal constituir do Ser. César Coelho: por ao clarão do plenilúnio do seu Canto suavizar-se o infortúnio, e a vida querer ser completa.

O meu poema "Seres", de *Rebuscas e Reencontros*, traduz bem o sentido de minha ligação com os que estiveram "antes" em minha poesia.

AAC – Muitos apontam a sua predileção pelo soneto e por um certo rebuscamento de linguagem. Filiam-no inclusive a um prolongamento da geração de 45. Com isso, a crítica torna a poesia rarefeita?

LF – Se uso o soneto, opto pela liberdade que o Modernismo conquistou. E não é verdade que há em minha obra uma predileção pelo soneto. Faça-se um levantamento de minha produção e ver-se-á uma percentagem menor de sonetos do que de poemas de forma

diversa da fixa. A poesia que utiliza, como a minha, mais o consciente do que o inconsciente, deve apresentar certo requinte, certo suado trabalho não a ponto de ser hermética, mas adotando uma atitude de "claro enigma". Seguindo esses ditames, sinto ser mais um poeta do que um vate, mais apolíneo do que dionisíaco. A opinião da crítica? Uns, como Caio Porfírio Carneiro, acham que sou simples; outros, como Dimas Macedo, acham que sou erudito. Busco o equilíbrio entre a intuição e o esmero para "erguer universos com a constelação dos signos" como entende Sânzio de Azevedo. Cuido, sim, da forma, aproximando-me da geração de 45, mas sem nenhum radicalismo, porque o que procuro atingir é o poético. Com tudo isso, me considero mais integrado no sincretismo da geração de 60.

AAC – Em nota também memorial, a segunda grande guerra teve algum impacto na sua formação escolar ou mais sentidos fizeram Vargas e JK?

LF – De fato, a Segunda Grande Guerra trouxe mais impacto à minha formação, repercutindo em minha poesia. Cheguei a manusear revistas que noticiavam a conflagração, e lembra-me que todos em casa e em minha cidade nos alegramos com a vitória das forças aliadas, trazendo a paz ao mundo. Registro alguma referência a essa guerra em alguns poemas.

AAC – Qual a sua percepção do gênero elegia e haveria nele alguma utilidade moderna?

LF – Cerca de vinte poemas meus têm o título de elegia. Mas o *pathos* elegíaco estende-se a muitos outros textos. Entendo a elegia como lamento, próprio da poesia lírica, pela via de uma ligação romântica ao passado. Poetas modernos e pós-modernos, como sabemos, usam resgatá-la não só no aspecto lírico, mas também na poesia social ou lírico-comunitária em relação à comunidade mundial da chamada aldeia global. Haja vista o espírito elegíaco que cultivou Cassiano Ricardo ao lado do jogo irônico em suas fases espacial e pós-espacial, seguindo o que preconizou Ernst Cassirer: "lirismo como situação humana prototípica". A utilidade moderna da elegia no cam-

po estritamente lírico está mais ou menos no sentido de uma atualização do efeito da tragédia grega: uma catarse ou evasão. Isso pode estender-se funcionalmente à elegia social enquanto lamento pela dor coletiva, sugerindo-se uma transformação e tendo-se em vista o tácito objetivo da recuperação da justiça e da paz. Esses, os caminhos que procuro seguir.

Ao fim da presente entrevista, desejo expressar minha admiração intelectual ao colega Prof. Dr. Alamir Aquino Corrêa por suas inteligentes perguntas e pela disposição de abalar-se de sua Londrina e vir às plagas cearenses entrevistar-me e ao meu companheiro Roberto Pontes sobre dados que interessam à sua importante pesquisa apoiada pelo CNPQ.